

# AS BANSHEES E AS VOZES: A PSICOSE EM *AS DOZE TRIBOS DE HATTIE*

Douglas Santana Ariston Sacramento<sup>i</sup>

**RESUMO:** Esse ensaio tem como base trazer mais contribuições sobre a temática da psicose, analisando a personagem Cassie, presente no livro da escritora afro norte-americana Ayana Mathis (2014), *As doze tribos de Hattie*, no qual a narrativa é fragmentada e conta a história de Hattie, mas pelo olhar dos doze filhos da personagem que dá nome ao livro, e nesse fragmento em específico, temos uma psicótica em surto. Portanto, o ensaio fará uma explanação da relação entre literatura e psicanálise, levando em consideração os diálogos possíveis entre os dois campos; e posteriormente, uma análise da representação de uma psicótica presente no livro, e de como isso tem relação com o aporte teórico propagado pelo psicanalista Jacque Lacan (1988) em seu *O seminário, livro 3: as psicoses*.

**Palavras-chave:** Literatura de autoria negra. Psicanálise. Psicose.

---

## THE *BANSHEES* AND THE VOICES: PSYCHOSIS IN *THE TWELVE TRIBES OF HATTIE*

**ABSTRACT:** This essay is based on bringing more contributions on the theme of psychosis, analysing the character Cassie, present in the book of the African American writer Ayana Mathis (2014), *The twelve tribes of Hattie*, in which the book's narrative is fragmented and tells the story of Hattie, but through the eyes of the twelve children of the character who gives the book its name, and in this particular fragment we have a psychotic outbreak. Therefore, the essay will explain the relationship between literature and psychoanalysis, taking into account the possible dialogues between the two fields; and later, an analysis of the representation of a psychotic present in the book and how it has to do with the theoretical support propagated by psychoanalyst Jacque Lacan (1988) in his *Seminar 3: the psychoses*.

**Keywords:** Black authorship literature. Psychoanalysis. Psychosis.

---



Submetido em: 29 out. 2019

Aprovado em: 01 dez. 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

---

<sup>i</sup> Discente do Mestrado em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).  
E-mail: douglas.ariston.18@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A psicanálise, com as teorias freudianas, utilizou o aporte literário para comprovar determinadas especificidades psíquicas, que haveria certa dificuldade em se encontrar no consultório do pai da psicanálise. Assim, Sigmund Freud, ao retratar sobre os sintomas e características da psicose, utiliza um livro autobiográfico de Paul Schreber, chamado *Memórias de um doente dos nervos*.

Portanto, Freud (2010), ao ler o livro do Dr. Daniel Paul Schreber, faz uma análise sobre o fenômeno da psicose existente neste texto literário, e postula informações sobre o caso clínico no seu texto *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia retratado em autobiografia* (“o caso Schreber”). Logo, faz-se necessário a junção destas duas áreas. Schreber escreve para se organizar e se estabilizar psiquicamente após um surto – este, o seu segundo surto, após uma latência de anos, o que para Freud está vinculado a uma homossexualidade reprimida (FREUD, 2010).

Contudo, a psicose é mais do que isso. A psicose é diferente da neurose, embora o neurótico que trate a psicose imponha certas características para referenciar o psicótico (MILLER, 1997). Logo, para os estudos freudianos, a neurose tem o conflito entre o Eu e o Id, já a psicose tem uma perturbação entre o Eu e o mundo exterior (FREUD, 2011). Assim, o psicótico, com influência do Id, tem uma perda da realidade, havendo, então, a construção de um novo mundo que se coloca no lugar da realidade (FREUD, 2011). E essas especificidades podem ser encontradas no objeto literário.

Partindo desta concepção, similar a Freud analisando o caso Schreber, será feita uma análise com base no conteúdo de uma obra, voltada para a representação contida no inconsciente das personagens – indo além da busca dos objetos fálicos, ato bastante comum nos primórdios dessa metodologia como análise literária. Para isso, como objeto de análise, será utilizado o livro *As dozes tribos de Hattie* (2014), da escritora afro norte-americana Ayana Mathis. A escritora ganhou notoriedade depois deste livro, seu primeiro romance, ter sido escolhido para o clube de leitura da Oprah Winfrey (Oprah Book Club 2.0), que, por sinal, comparou Mathis com Toni Morrison, famosa escritora afro norte-americana, vencedora do Nobel de Literatura em 1993.

Este livro retrata, por meio de fragmentos e com narradores diferentes, a vida de Hattie, mãe dos narradores. Cada capítulo é um filho narrando sobre um momento de sua vida, mas paralelo a esse discurso, há a narração sobre a mãe. Em todas as narrativas há um consenso entre as personagens: o afastamento da mãe e a falta de carinho para com seus

filhos. Por fim, todos se queixam sobre essas características de Hattie e aplicam isso para a situação de sua vida atual.

Mais à frente, na narrativa, uma das filhas de Hattie, Cassie, apresenta sintomas psicóticos. E, assim, será analisado como ocorrem os fenômenos psicóticos (que vão de alucinações até outras demandas), dando possíveis interpretações e trazendo teorias e características da psicose presente na representação da personagem. Mas antes é necessário compreender esse entrelaçamento existente entre dois campos – a literatura e a psicanálise – e como é possível apreender e interpretar textos literários sobre o holofote das teorias psicanalíticas freudianas e lacanianas.

## 1 DOS ENCONTROS ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Neste momento, faz-se necessário explanar um pouco dessa relação entre a literatura e a psicanálise. Terry Eagleton (2006), no seu livro *Teoria da literatura*, relata que existem quatro modos de analisar essa junção, mas que isso depende da obra em questão, havendo, desta forma, um retorno ao autor, ao conteúdo da construção formal ou ao leitor. (EAGLETON, 2006). Logo, é necessário que o leitor faça a leitura do livro com os olhos voltados para os processos oníricos que cada modo traz em seu bojo, buscando os sintomas presentes na obra.

O que buscamos, contudo, é aquilo que essas afirmações inevitavelmente calam ou suprimem, o que examinamos são as maneiras pelas quais os romances não são perfeitamente a si mesmo. A crítica psicanalítica, em outras palavras, pode ir além da caça aos símbolos fálicos, ela nos pode dizer alguma coisa sobre a maneira pela qual os textos literários se formam, e revela alguma coisa sobre o significado desta formação. (EAGLETON, 2006, p. 268).

Por outro lado, nota-se que a adesão da interpretação literária unida com outros campos científicos acontece com a inserção do pós-estruturalismo no modo de analisar a literatura. Essa ruptura ocorre posteriormente ao Estruturalismo, que, no campo literário estava marcado pelo Formalismo Russo e seu modo de analisar o objeto literário pela maneira como se apresentava, por uma estrutura. (COMPAGNON, 1999). Ou seja, era muito comum as análises serem pautadas sobre o verso, ou sonoridade do poema e não levar em consideração a interpretação ou o leitor dentro dessa dinâmica.

Assim, pós revolução estudantil Francesa, mais precisamente com a publicações de Roland Barthes sobre a morte do autor, que começa a se pensar na instância do leitor e a

descentralização do autor, que agora, não representa mais a verdade sobre o objeto escrito. (BARTHES, 2004). Nesse período se instaura uma crise epistemológica no paradigma dentro das áreas científicas, e isso afetou a literatura. (HOISEL, 2000).

Depois desse período, com a instauração mais recorrente dentro do âmbito científico do pós-estruturalismo, houve como sintoma dessa corrente um questionamento a teorias canônica, ou seja, não sendo mais analisadas pelo viés da verdade absoluta, mas como um conjunto de discursos pautados nas linguagens, e esses atos sendo espiralados e dialogados com outras áreas do saber (HOISEL, 2000).

[...] a abrangência do material da literatura – a experiência humana – possibilita que qualquer teoria possa ser levada para o campo dos estudos literários. Por outro lado, a falta de comprometimento disciplinar específico dos que trabalham nesses campos permite que essas metodologias sejam facilmente transferidas para a órbita da teoria da literatura. (HOISEL, 2000, p. 227).

Portanto, infere-se que essas novas formas de adentrar ao texto literário, por meio do diálogo com outras áreas, se faz presente. E, muito similar com o que Sigmund Freud faz ao utilizar na sua construção teórica psicanalista o uso do literário. O pai da psicanálise utilizou obras literárias para analisar grandes temas da sua teoria, como a tragédia Édipo Rei, que se mostrou importante para compreender os caminhos tortuosos do Complexo de Édipo. Ou, o uso do autor russo Dostoiévski, ou o livro de memórias de Schreber, que aqui vai ser usado para compreender a personagem analisada na segunda parte deste artigo.

Com isso, os caminhos de interpretação literária se atrelam a de outros campos de saber. Um novo rumo para o campo literário aponta no horizonte, no qual há uma complementação e amplitude de interpretações por meio dessa inserção. Mas, é necessário problematizar a ideia de interpretação, pois é um ato feito pelo psicanalista na clínica diante de um paciente. O ato de interpretar não significa ato de traduzir, mas, um modo de desconstrução:

[...] a interpretação da psicanálise tende a “encurrular” (*pin down*) a literatura, procurando sua verdade oculta, o que, em última instância, meramente exemplifica o que o psicanalista já sabia, enquanto a desconstrução procura respeitar os restos do texto, que resistem à apropriação crítica. (BOFF, 2012, p. 67).

Na posterioridade da teoria psicanalítica de viés freudiano, se destacam os estudos de Jacques Lacan, que, bebendo das teorias linguísticas de Ferdinand Saussure, compreende o

inconsciente como linguagem, e coloca em prática essa premissa por meio de argumentos utilizados por Freud, mas com uma nova leitura e aplicado as teorias criadas por ele. Mas, o leitor de Freud e construtor de um novo viés para a psicanálise também utiliza da literatura para analisar e fazer exemplos. Como a leitura de Platão ou do James Joyce. Mostrando mais uma vez o caráter plural da psicanálise:

Sabemos que a psicanálise é uma atividade complexa, podendo ser encarada como uma ciência da mente, um método terapêutico, uma teoria da personalidade e/ou uma filosofia da cultura. Talvez o aspecto mais importante sobre as ideias freudianas resida na sua flexibilidade e capacidade de adaptação aos mais diferentes contextos, o que permitiria, portanto, aparecer como uma possibilidade de aprofundamento da realidade percebida. (CASTRO, 2012, p. 143).

É a partir desta relação que se reverbera até os dias atuais, os estudos sobre a junção da literatura e psicanálise, que agora faremos uma análise de um livro contemporâneo, trazendo as teorias lacanianas sobre psicose, para nos auxiliar na interpretação desse sujeito representado e dos sintomas presentes nessa construção narrativa.

## 2 UMA ANÁLISE DOS SINTOMAS PSICÓTICOS

A narrativa de Cassie se passa em 1980, e se inicia mostrando os preparativos da internação da personagem por seus pais. Em seguida, temos a cena em que ela está a caminho do médico, dentro do carro. É nesse momento que ela atinge o ápice do delírio, pois há uma desestabilidade psíquica que a faz não tomar banho e ouvir vozes; algo interpretado pela personagem como uma maneira de seus pais tirarem dela a sua filha Sala. Desta forma, há uma comparação entre sua filha e a limpeza, já que isso apresenta uma formação sintomática de achar que a água com a qual toma banho está suja, e isso faz com que ela tome banho sem se lavar completamente, pois isso a faz se sentir fétida.

Eu gostaria de lavar a cabeça, mas quando entro no banheiro, penso na maneira como a água vai escorrer pelo meu corpo, cheia de partículas de pele morta de fezes, e preciso voltar a meu quarto. [...] Minha Sala, minha filha linda, é a única coisa limpa que eu conheço. (MATHIS, 2014, p. 200).

Posteriormente, há uma repetição do significante “mãe”, relacionando-se com a organização da psique de Cassie, devido à falta dessa “mãe” na infância, ou com a perda que ela sentiu, quando a mãe traiu o pai. Ademais, há uma identificação com esse outro, com a

“imoralidade” que liga as duas, já que o delírio é um fenômeno elementar e estrutura o sujeito psicótico (LACAN, 1988); as vozes que Cassie ouve trazem à tona “imoralidades” recalçadas.

Minha mãe nunca foi carinhosa. Continua não sendo. [...] Minha mãe sempre fez o necessário [...] Eu me identifico com ela. Sei como é difícil resistir a certos impulsos. [...] Tem vozes que murmuram sugestões de uma forma tão natural e calma que se eu não fosse cuidadosa pensaria que são meus pensamentos: olhe para a virilha daquele homem, elas dizem; pense em como ele deve ser sem calça. (MATHIS, 2014, p. 200-201).

Nota-se que existe uma falta relacionada a esse significante; a presença-ausência da mãe que estava em casa e brigava com o pai, mas na verdade queria estar longe de lá. Assim como a presença-ausência da retirada de sua mama, que, no período desta narrativa, está com uma prótese, a qual irá resultar na ausência da filha (um outro objeto retirado de sua vida). Nisto, o sujeito psicótico é centrado na perda (LACAN, 1988).

Em seguida, aparecem as vozes. Cassie apresenta dois tipos de vozes. A primeira delas, as Banshees, são baseadas na mitologia celta, na qual essas fadas malignas previam as mortes. Elas podiam ser escutadas por aqueles que estavam prestes a morrer, e faziam aqueles que as escutavam ter o crânio estourado. Cassie, quando ouve essas vozes, entra em agonia, pois elas gritavam, assim como as Fúrias da mitologia grega. Isso deixa mais evidente a ideia de perseguição que Cassie sentia em relação a seus pais. Entretanto, ela sabe que é um delírio, pois o psicótico sabe que há uma construção delirante, e ele não acredita na realidade de sua alucinação (LACAN, 1988).

[...] Quase sempre eu só conseguia ouvir as Banshees gritando comigo com hienas. Às vezes tão alto que acho que outras pessoas também devem ouvir, mas sei que não ouvem.

[...]

Estou jejuando para que Sala possa comer; quando eles virem que não estou comendo, não vão envenenar a comida. Eu não importo. Já me acostumei. (MATHIS, 2014, p. 202).

Contraopondo essas vozes malignas, representadas pelas Banshees, existe também a voz que traz paz. A Voz – com “v” maiúsculo – remete a Deus e a todo um conhecimento prévio que Cassie tem em relação a Bíblia, afinal, ela tem um irmão pastor protestante. E também, a construção delirante tem como base a vida prévia do sujeito (LACAN, 1988), logo, ela teve acesso a Bíblia. E a Voz aparece para acalmar, trazer alívio das vozes gritantes das Banshees em seus ouvidos.

[...] Estou muito cansada e assim mesmo as Banshees ficam dizendo: “Você está perdendo. É pequena demais. Você e essa criança estão desgraçadas.” É como se minha vida estivesse fugindo de mim como uma pipa em meio ao tornado. Rezo por orientação e alívio. Quando estou no fim, quando estou prestes a desfalecer, a Voz vem e me diz para descansar. (MATHIS, 2014, p. 202-203).

Essa relação bíblica não existe apenas com a Voz, mas também com o uso comparativo da situação da própria personagem com as passagens bíblicas, como a relação de desorientação com Paulo em Damasco<sup>1</sup>, mas que ela não entende – achando que se trata de um sinal divino para ela. Ou seja, ela deseja um reconhecimento através do divino, como ocorre no caso Schreber, no qual Freud chega à conclusão de que a relação sintomática com o divino tem relação com um reconhecimento que outrora não tivera (LACAN, 1988).

[...] Quanto mais me concentro, mais parece que as palavras não têm nada a ver umas com as outras. Me concentro na voz do pastor. Apuro o ouvido com seu ritmo e as palavras ficam inteiras: o apóstolo Paulo e Damasco. Tento juntá-las como se fossem contas de um colar. [...] Sei que devia entender. Por favor me ajude, Senhor. Esses desvãos da minha cabeça – abro um deles e encontro um tigre. Dando o bote. (MATHIS, 2014, p. 204).

No ápice do surto psicótico, as Banshees aparecem dentro do carro que os pais estão levando Cassie para a clínica – colocando mais ênfase na iminente separação de Cassie e sua filha, e na trama de sua mãe para que isso aconteça. Logo, isso resulta numa tentativa de fuga, fazendo-a se jogar do carro, correr pelo meio da floresta e entrar numa vala, até ser resgatada.

Mas, mesmo sendo resgatada, ainda há uma forte referência e um teor de aceitação da mãe, que a faz rememorar uma passagem da infância para encontrar a “beleza das coisas” (MATHIS, 2014, p. 207). Isso remete ao retorno que Lacan faz ao conceito de *Verneinung*, que, pelo discurso, tenta reencontrar um objeto que tem valor de existência, um objeto de desejo. E, nesse contexto, remete também a uma busca de Cassie para uma satisfação primitiva que está em consonância com a relação materna, assim sendo necessário “reencontrar o objeto, cujo aparecimento é fundamentalmente alucinado.” (LACAN, 1988, p. 102).

[...] Hoje de manhã A Voz disse para ir com calma. Meus pais estão no carro; luzes azuis e amarelas refletem no para-brisa. Uma paramédica não amarra as correias da maca e me dá um cobertor, pelo qual me sinto agradecida. Tento procurar a beleza das coisas. Minha mãe de avental há

---

<sup>1</sup> Lembrando que a passagem de Paulo em Damasco tem relação com a retirada de uma cegueira por Jesus, para que Paulo tenha certeza de que Jesus é filho de Deus e se torne um apóstolo.

tantos anos, a tonalidade âmbar da bebida no copo, e aquela música que só ela e eu conseguimos ouvir. (MATHIS, 2014, p. 207).

E como Freud retrata que esse objeto nunca vai ser encontrado, ou como Lacan retrata como objeto a; o caso de Cassie tem relação com a Sula, que representa um objeto substituto para essa busca constante pelo amor materno. E a iminência da perda, juntamente de um retorno do recalado, vinculada a apatia materna, fazem com que se construa toda a base da construção delirante da protagonista desta narrativa.

Logo, o fenômeno psicótico tem seu teor de defesa, afinal, o psicótico se organiza com base nessa construção delirante, mesmo com o rompimento do real e o sujeito não conseguindo reproduzir discurso sobre, nota-se que isso ocorre com a Cassie e sua infância e a relação materna.

## CONCLUSÃO PARA O CÉU ABERTO

As relações entre literatura e psicanálise são amplas. Desde os diálogos provenientes da quebra estrutural de análise das ciências humanas, as conversações são mais amplas e com contribuição mútua. Isso, só é possível com um modo de análise proveniente de uma quebra hierárquica entre esses modos de pensar. E que, tanto Freud quando Lacan, expoentes nas teorias psicanalíticas no século XX, já traziam em seus textos uma relação com obras de cunho literário. Sendo assim, possível compreender essa relação que a obra tem com o mundo real da qual se propõe analisar no decorrer das suas linhas.

Um campo grandioso, demonstrado neste pequeno ensaio, o qual trouxe algumas considerações das teorias psicanalíticas para abordar a psicose representada por uma escritora negra. Há intencionalidade nesta representação? Sim. Lembrando que quando falamos das mazelas raciais na subjetividade do corpo negro, o direito a ser subjetivamente inconstante é cortado pelo mito do negro forte fisicamente e subjetivamente, suplantado com os discursos oriundos do sistema escravocrata. Isso é retratado pela psicanalista baiana Neusa Santos Souza (1983), no seu livro *Tornar-se negro*, que aponta os mitos pertinentes na psique do corpo negro. Agora, imaginem um corpo negro psicótico. Temos uma subjetividade amplamente elevada e com todas as especificidades de uma teoria própria, ou melhor, um seminário completo de Jacques Lacan (1988), o *O seminário, livro 3: as psicoses*, para caracterizar esses sujeitos.



Assim, esse artigo se faz necessário para entender o furo no real, para entender a expansão de corpos e subjetividades, para entender o delírio e a literatura confluyente com a psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOFF, Almerindo Antônio. Poe, Joyce, Lacan e Derrida: trocando letras, desviando cartas. *In*: SOUZA, Ricardo Timm de; MELLO, Ana Maria Lisboa de; SANTOS, Marcelo Leandro dos; SILVA, Camila Gonzato da Silva. *Literatura e psicanálise: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2012. p. 56-72.
- CASTRO, Daniel Fraga de. Literatura, teatro e psicanálise: quando a ansiedade é influência. *In*: SOUZA, Ricardo Timm de; MELLO, Ana Maria Lisboa de; SANTOS, Marcelo Leandro dos; SILVA, Camila Gonzato da Silva. *Literatura e psicanálise: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2012. p. 142-161.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). *In*: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924). *In*: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber") (1911). *In*: FREUD, Sigmund. *Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia ("o caso Schreber"), Artigos sobre Técnica e Outros Textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HOISEL, Evelina. Novos rumos: e a teoria da literatura? *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, v. 25-26, p. 215-231, 2000.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MATHIS, Ayana. *As doze tribos de Hattie*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.